

---

## Uma Cartografia do Conceito Butleriano de Performatividade<sup>1</sup>

Paula CORUJA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Neste artigo é feita uma revisão do conceito de performatividade de gênero a partir da obra da filósofa Judith Butler. A necessidade surgiu a partir de discussões na Intercom 2018, sobre trabalhos que faziam o uso de performatividade, quando pareciam falar de performance. Por ser uma área interdisciplinar, esse trabalho se justifica na Comunicação por ser um conceito que dialoga com o campo ao ser acionado pra analisar a complexidade dos fenômenos comunicacionais e seus múltiplos atravessamentos. Seguindo um percurso cartográfico, foi possível montar um mapa conceitual do desenvolvimento do conceito e apontar diferenças com relação ao entendimento de performance.

**PALAVRAS-CHAVE:** cartografia; performatividade; Judith Butler, gênero.

### INTRODUÇÃO

Em 2018, apresentei um trabalho no GT de Estéticas e Políticas do Corpo e Gênero na Intercom, que fazia uma revisão sobre teses e dissertações defendidas nos PPGs de Comunicação entre os anos de 2010 e 2015 que abordavam, de alguma forma, o feminismo (CORUJA, 2018). Entre trabalhos que apenas usavam o termo para contextualizar o tempo vivido e outros que propunham problematizações a partir do campo da comunicação, um dos resultados foi o grande número de pessoas que usava o conceito desenvolvido por Judith Butler sobre performatividade de gênero. Destaquei, durante a apresentação, que muitos desses trabalhos, mesmo colocando a citação direta da autora, usavam o conceito para falar de *performances*. Além disso, não apresentavam uma coerência teórica ao clamar a performatividade e terminar por ratificá-las com autoras/es que se contrapõem ao conceito.

A fim de dar continuidade nessa discussão, resolvi “cometer” esse texto com alguns apontamentos sobre o desenvolvimento do entendimento butleriano sobre performatividade, com foco na construção do conceito. Como a discussão também é parte do meu interesse de pesquisa de doutorado, utilizei o mesmo aporte metodológico qualitativo, a cartografia. Como

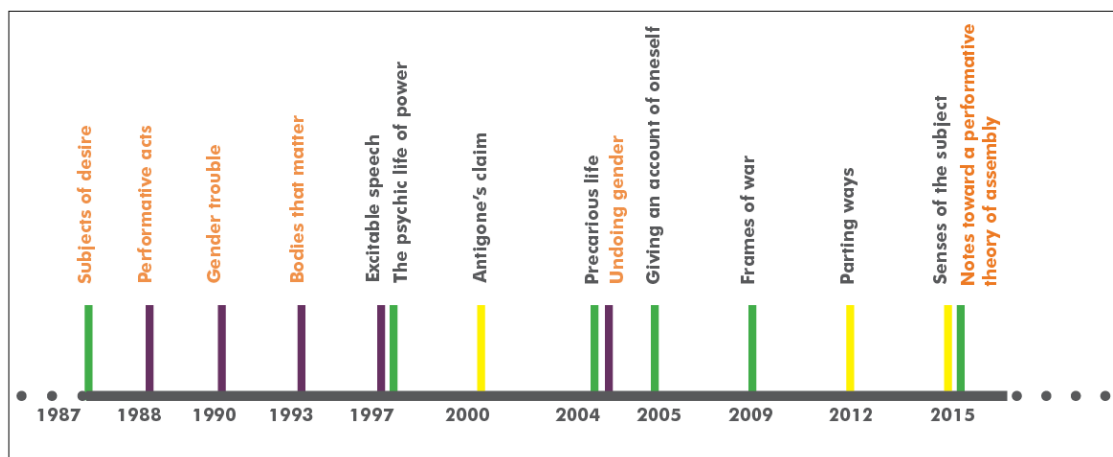
---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas e Políticas do Corpo e Gênero, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: paula.coruja@gmail.com.

explica Rosário (2008, p.91), a cartografia é “um trilhar metodológico que visa a construir um mapa nunca acabado do objeto de estudo, a partir do olhar atento e das percepções e observações do pesquisador, que são as únicas e particulares”. Assim, cartografar é acompanhar um processo, a partir de sua multiplicidade e subjetividades. Inspirada na obra de Deleuze e Guattari (1995), foi desenvolvida como metodologia por evidenciar, a partir de um rizoma, linhas distintas, conexões e pontos de intensidade. É importante destacar que cada cartografia é única, tendo um mapa como resultado que difere para cada pesquisador. Entre a vasta obra de Butler, fiz a revisão a partir de 10 livros, um artigo, um capítulo, uma conferência e três entrevistas, listadas nas referências. Como o espaço desse artigo não dá conta de uma revisão detalhada, optei por um recorte para discutir os demais aspectos em um outro momento. Abaixo (Fig.1), apresento uma representação cronológica das obras demarcando em laranja os trabalhos que serão tratados aqui. Os marcos em verde se referem a trabalhos que abordam mais a questão do sujeito ou criação de outros conceitos, em roxo, gênero, e em amarelo as obras que não tive acesso.

**Figura1.** Linha do tempo a partir da obra de Butler



Fonte: a autora

Compreendo que este trabalho é importante para o campo da comunicação por ser uma área interdisciplinar (multi ou transdisciplinar, como definem alguns pesquisadores) e que pela complexidade dos fenômenos comunicacionais e múltiplos atravessamentos necessita um diálogo constante com outras áreas de conhecimento. Como já evidenciado naquele momento (CORUJA, 2018) e por outros pesquisadores da nossa área (TOMAZETTI, 2019), o encontro entre comunicação e estudos de gênero é crescente e merece atenção.

Com bem lembrou Borba (2014, p.452), defender o “uso correto” de determinados conceitos também é uma forma de imposição, o que não é a intenção. A própria Butler ainda pontuou: “a teoria da performatividade de gênero que formulei nunca prescreveu quais

performatividades de gênero seriam certas, ou mais subversivas” (2015, p.40), deixando empiricamente aberto o conceito e o que poderia ser ali classificado. Entretanto, a mesma insiste na diferença entre performance e performatividade (BUTLER, 1992, 1994, 2002, 2004, 2017; SESC SAO PAULO, 2018; MEIJER, PRINS, 1998). Dentro do aparato conceitual que Butler desenvolve, performance e performatividade possuem diferenças ontológicas profundas. Para mostrar essas marcas diferenciais, começo pelo percurso da própria Butler, com o início da sua obra, para entender o contexto em que o conceito foi concebido.

### **UM ENCONTRO PRÉVIO COM O SUJEITO-EM-PROCESSO E O PRIMEIRO ATO**

O primeiro livro da autora, *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*, publicado em 1987, é resultado da tese de doutorado defendida em 1984. Antes da pós-graduação, Butler foi bolsista da Fundação Fulbright, na Alemanha, onde se aprofundou no estudo de pensadores proeminentes, como o próprio Hegel, Marx, Heidegger, Kierkegaard, Merleau-Ponty e teóricos da Escola de Frankfurt. Butler analisa o impacto da obra *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, sobre duas gerações de filósofos franceses do século XX: Kojève, Hyppolite e Sartre, em um primeiro momento, e Lacan, Derrida, Foucault e Deleuze, adiante. A análise da segunda geração foi acrescentada na revisão para publicação, pois a autora relata que foi o momento em que estava mais aberta à teoria pós-estruturalista, e de que o trabalho precisava de um olhar mais complexo (BUTLER, 2012, p. xiv).

O tema, em um primeiro momento, pode parecer estranho para quem busca amparo sobre performatividade, ou que leu apenas as obras sobre gênero traduzidas para o português. Mas a abordagem das formulações hegelianas sobre o sujeito e o desejo acabam se refletindo, com mais ou menos intensidade, em toda a obra da autora. Na reedição de 1999, a própria Butler faz essa observação, de que as questões hegelianas, como a relação entre desejo e reconhecimento e “como se explica o fato de que a constituição do sujeito envolva uma relação radical e constitutiva com a alteridade”, estão tangenciadas em todos os seus trabalhos (BUTLER, 2012, p.xiv). Não apenas pela reflexão de Hegel, as formulações de Butler sobre o sujeito e processos de sujeição estão presentes em todas as suas análises, e é justamente nelas que teremos uma chave de leitura importante para compreender gênero como performatividade.

Antes de passarmos para as demais obras, três pontos importantes da fenomenologia hegeliana, presentes nesse primeiro livro, precisam ser pontuados: a dialética, o sujeito e a

alteridade. A **dialética**<sup>3</sup> não é uma exclusividade da obra de Hegel, mas é fundamental na sua constituição. Assim, se parte de uma posição, uma tese, até o seu oposto, antítese, para se chegar a uma conciliação, a síntese. Para Hegel, há uma relação de implicação mútua entre termos que parecem opostos. Entretanto, a síntese não é definitiva, mas ponto de partida para uma próxima cadeia dialética. Em grande parte do seu trabalho, como na maneira de discutir como o sujeito é constituído, Butler se envolve em discussões dialéticas, partindo das naturalizações, questionando os porquês que se configuram assim e sugerindo ressignificações.

É a dialética que nos dá as pistas de quem é o sujeito em Hegel: um **sujeito-em-processo**, que constrói a si através de um processo permanente de destruição e, ao aprender com o erro, reconstituição. Butler faz a analogia a um personagem resistente de desenho animado, que nunca desanima com os obstáculos, um sujeito viajante que aprende a partir da experiência, um sujeito esperançoso (BUTLER, 2012, p.22). O entendimento de Butler sobre o sujeito não é o mesmo de Hegel, mas essa processualidade, esse constituir-se no caminho, permeia o entendimento butleriano.

Para entender o terceiro ponto, a alteridade, é preciso antes compreender o papel do desejo, que configura o que motiva o espírito para o Hegel. Não apenas o desejo de superar obstáculos, mas o de conhecer a si. Butler (2012, p.6) diz que desejo, “segundo Hegel, é o esforço humano incessante para superar as diferenças externas, um projeto para se tornar um sujeito autossuficiente para quem todas as coisas aparentemente diferentes finalmente emergem como características imanentes do próprio sujeito”. Assim, em um processo contínuo de autoconhecimento, reconhecimento e autoconsciência. Butler, então, explica que a palavra alemã para desejo, *Begierde*, expressa, da mesma forma, o desejo animal e o desejo filosófico.

A **alteridade** e a relação de ser-com-o-outro se expressam, ou seja, para que o sujeito conheça a si ele o faz através de um outro. E como Butler explica, esse processo não fica no reconhecimento do eu pelo outro, mas na consumação, na aniquilação, para que, assim, o sujeito não coloque a própria existência em risco. Essa consumação seria um modo de encontrar o outro e absorvê-lo (BUTLER, 2012, p.34-37). O resto da obra discorre sobre esse processo, e a complexidade que assume pelo termo em alemão usado (*Aufhebung*), e as interpretações dos autores franceses, mas aqui gostaria de destacar apenas a importância desse ponto: o eu só se constitui com e através do outro, passando por um reconhecimento desse outro. Isso também

---

3 A dialética pode ser reconhecida até na escrita de Butler, com textos que apresentam muitas perguntas, que raramente são respondidas. “No modelo dialético de Butler, o conhecimento avança através da oposição e da negação, nunca alcançando uma certeza ‘absoluta’ ou final, mas simplesmente propondo ideias que não podem ser fixadas como ‘verdades’” (SALIH, 2012, p.11).

tangencia o trabalho de Butler em diversos momentos, mas se reflete no conceito de *interpelação* de Althusser, que a autora se apropria ao longo da produção e que está nas bases do desenvolvimento da ideia de gênero como performatividade.

Em 1988, é que o primeiro trabalho com a temática de gênero como performatividade é lançado. Em *Performative acts and gender constitution: an essay on phenomenology and feminist theory* (BUTLER, 1988) as ideias seminais do que viria a ser trabalhado em *Problemas de Gênero* aparecem. É quando a autora afirma que gênero é um ato performativo: “Nesse sentido, gênero não é, de forma alguma, uma identidade estável ou *locus* de agência de onde prosseguem vários atos, ao contrário, é uma identidade tenuamente constituída no tempo – uma identificação instituída por meio de uma repetição estilizada de fatos” (IBIDEM, p.519). Nesse artigo, se opõe a uma ideia de substância e diz que o que entendemos como identidade binária de gênero é “uma realização *performativa*, a qual a audiência social mundana, incluindo os próprios atores, vêm a acreditar e a *performar* no modelo que acreditam” (IBIDEM, p.520).

Nesse texto seminal, Searle é rapidamente citado, para que, em seguida, venha uma discussão de uma teoria da ação, de origem fenomenológica, acionando no texto principalmente Maurice Merleau-Ponty. A famosa frase de Simone de Beauvoir, - “Ninguém nasce mulher, torna-se” - é o ponto de partida para fundamentar a posição de que “identidade de gênero é uma realização *performativa* compelida pela sanção social e o tabu” (IBIDEM, p.520). Também é interessante ver que a ideia de repetição é apropriada para explicar que performatividade é “ao mesmo tempo uma reencenação e re-experiência de um conjunto de significados já socialmente estabelecidos” (BUTLER, 1988, p.526), constituindo assim uma forma de legitimação. Essa mesma legitimação pela repetição vai reaparecer em *Problemas de gênero e Bodies that matter* já com a possibilidade subversiva da iterabilidade de Derrida.

Como ação pública e ato performativo, o gênero não é uma escolha radical ou projeto que reflete escolhas meramente individuais, tampouco é imposto ou inscrito sobre o indivíduo, como alguns deslocamentos pós-estruturalistas do sujeito poderiam afirmar. O corpo não é passivamente roteirizado com códigos culturais, como se fosse um recipiente sem vida de todas as relações culturais prévias. Mas nem “eus” corporificados preexistem às convenções culturais que essencialmente significam corpos. (...) então o corpo generificado atua em um espaço culturalmente restrito e faz interpretações dentro dos limites das diretivas já existentes (IBIDEM, p.526).

Apesar de usar muitas metáforas diretamente ligadas ao teatro nesse artigo, algo que ela se afasta, e de não ter consolidado uma teoria da performatividade de gênero, vemos aqui alguns entendimentos sobre o sujeito que vão permear toda a obra, como a premissa de que não existe um voluntarismo nos processos de sujeição (aqui pensando em “tornar-se” um sujeito) e

---

que parte da agência desses sujeitos se dá dentro de um limite de normas já existente na cultura. Todas essas ideias são lapidadas, desenvolvidas e lançadas na obra seguinte.

### **ONDE COMEÇA O “PROBLEMA”**

Em 1990, *Gender Trouble: feminism and subversion of identity* é lançado. A desconstrução do conceito de gênero onde a teoria feminista estava baseada, de que sexo seria natural e o gênero construído socialmente, colocou em cheque o conceito de “mulher” como sujeito do feminismo. Como pontua Rodrigues (2005, p.179), assim “como Derrida desmontou a estrutura binária significante/significado e a unidade do signo, e fez com isso uma crítica à metafísica e às filosofias do sujeito, Butler desmontou a dualidade sexo/gênero e fez uma crítica ao feminismo como categoria que só poderia funcionar dentro do humanismo”, engrossando a contestação de uma metafísica da substância. Para fazer este movimento, Butler desenvolve a teoria da performatividade de gênero, fonte do nosso problema nesse artigo.

A edição lançada no Brasil em 2003, traz o prefácio original de 1990, em que ela explica como se apropria da genealogia, a partir de Foucault. Dessa forma, explica que a “genealogia investiga os interesses políticos envolvidos em nomear como origem e causa categorias de identidade que são, de fato, os efeitos das instituições, práticas, discursos, com muitos e difusos pontos de origem” (IBIDEM, p.9). Para isso traz um amplo leque de referências filosóficas, com referências às teorias feministas, foucaultianas e psicanalíticas, que nem sempre é fácil de acompanhar. Para Butler (1992, p.89), uma das razões pelas quais acredita que uma das interpretações comuns que surgem da leitura, a de que gênero é radicalmente uma escolha livre, venha desse “pulo” deliberado dos leitores para o capítulo onde tem mais formulações sobre performatividade, sem passar pelas formulações de Freud e Lacan.

Alguns conceitos implicados na teoria da performatividade aparecem bem em *Problemas de Gênero*, como a melancolia (Freud) e poder (Foucault), outros, apesar de já tangenciados no texto, são citados diretamente na obra seguinte, *Bodies that Matter – on the discursive limits of “Sex”*, de 1993, como iterabilidade e citacionalidade (Derrida), performativos (Austin) e interpelação (Althusser). No início de *Problemas de Gênero*, cumprindo com o que prevê uma genealogia foucaultina, Butler passa a investigar como os discursos sobre gênero e sexo funcionam e os propósitos políticos que cumprem. A busca não é sobre origem e causa do gênero, mas estudar os efeitos do gênero, ou melhor, ele próprio como efeito. O foco de Butler está em desconstruir o *status* ontológico do gênero.



---

A autora argumenta que sexo é tão construído culturalmente quanto gênero e descarta a ideia de que qualquer dos dois seja uma substância permanente, e que a coerência entre as categorias é resultado de uma cultura heterossexual e heterossexista, uma “heterossexualidade compulsória”, termo cunhado por Adrienne Rich, mas que Butler também se baseia na noção de “contrato heterossexual”, de Monique Wittig, para fundamentar. Assim, exemplifica com a história de Herculine Barbin, uma pessoa intersex do século XIX, que já nos termos do binarismo heterossexual e de uma coerência entre seu sexo e gênero era inclassificável, para empregar a crítica a uma *metafísica da substância* e de categorias identitárias atreladas ao sexo. Em seguida, traz a primeira aplicação do conceito de performatividade na obra:

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. Conseqüentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é (BUTLER, 2014, p.48).

Podemos ver uma inversão na cadeia de causa e efeito, com o poder de práticas reguladoras da coerência de gênero sendo exercidas sobre o sujeito e, pela naturalização dessas práticas corporificadas, acreditamos que é substância aquilo que é *performatividade*. Para corroborar, Butler parafraseia Nietzsche (“there’s no doer behind the deed”): “Numa aplicação que Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmamos o corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (IBIDEM, p.48). O entendimento sobre não ter um “atuante” por trás do “ato”, é o mote para uma série de contestações sobre a ausência de agência do sujeito<sup>4</sup>, junto com onde está a materialidade se até o sexo é performativo.

A aproximação com as teorias psicanalíticas é fundamental ao trabalho de Butler e pode ser encontradas ao longo da obra. Em *Problemas de gênero*, dois conceitos apropriados de Freud são centrais para pensar o sujeito e a constituição de gênero. A partir dos textos “Luto e melancolia” e “O ego e o id”, somos introduzidos ao luto e a melancolia, termos que significam, resumidamente, a reação a uma perda real e a reação a uma perda imaginada, respectivamente. O segundo capítulo, onde essas ideias estão desenvolvidas, é denso e por vezes difícil de ler, já que é necessário ter sido apresentado previamente às teorias freudianas. Nesse

---

4 Butler dedica boa parte do capítulo no livro *Feminist Contetions*, para endereçar as críticas recebidas. (BUTLER, 2017, p.133).

texto faço uma simplificação apenas para destacar a grandeza que assume nas teorias butlerianas<sup>5</sup>. Como explica Salih (2012, p.75-76), em *Luto e melancolia*, se entende que

Uma vez que o melancólico nem sempre sabe o que perdeu e, na verdade, às vezes nem sequer sabe que perdeu alguma coisa, Freud considera essa uma condição patológica que se assemelha à depressão. Ele argumenta que em vez de “superar” e aceitar a perda, a resposta melancólica consiste em internalizar o objeto perdido no ego, *identificando-se* com ele.

Em *O ego e o id*, Freud revê sua posição, descartando a melancolia como doença, e a coloca em uma posição central na formação do ego, que teria uma *estrutura melancólica*. Assim, na formação do ego, a partir da infância, o processo pode ser explicado

Do mesmo modo que o melancólico internaliza<sup>6</sup> o objeto perdido (o progenitor desejado) e o preserva como uma identificação. (...) O ego é, então, um depósito de todos os desejos que teve que abandonar, ou, como diz Freud, “o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais<sup>7</sup> abandonadas e (...) contém a história dessas escolhas de objeto” (SALIH, 2012, p.76-77).

Apesar de rejeitar a explicação freudiana sobre disposições sexuais congênitas, ou seja, um desejo *inato* do bebê por alguém do “sexo oposto”, Butler se interessa em pensar como as disposições femininas e masculinas se transformam em identificação. Para Freud, a formação do ego se dá em uma estrutura melancólica, pois o bebê é forçado a abandonar seu desejo por seus progenitores em reação ao tabu contra o incesto (complexo de Édipo). Entretanto, antes do tabu do incesto, Butler defende que há o tabu contra a homossexualidade, o que implica em um desejo primitivo da criança pelo progenitor do mesmo sexo. Esse ponto da apropriação da teoria freudiana recebeu muitas críticas, já que não cita uma fonte que justifique a precedência<sup>8</sup> e nem a razão de um desejo ser reprimido antes do outro. Só que a afirmação baseia o argumento para de que as identidades sexuais e de gênero são formadas como resposta a esta proibição: “se a melancolia é a resposta para uma perda real ou imaginada, e se a identidade de gênero é formada com base numa perda primitiva do objeto do desejo do mesmo sexo, segue-se que a identidade de gênero heterossexual é melancólica” (SALIH, 2012, p.79).

Ao tentar entender onde a identificação melancólica acontece, Butler conclui que conservadas na superfície do corpo. A autora concorda que o luto leva à introjeção do objeto

5 Melancolia, principalmente o gênero melancólico, aparece também em *Bodies that Matter, Excitable Speech, Undoing Gender, Relatar a si mesmo, A vida psíquica do poder*. As ideias sobre luto assumem protagonismo a partir do livro *Precarious life: the power of mourning and violence* e *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto*.

6 Introjetar/internalizar e identificar são processos diferentes para Freud. Identificar se refere ao processo e efeitos da identificação com o Outro, como resposta à perda. Já introjeção nomeia o processo pelo qual objetos do mundo exterior são internalizados e conservados no ego.

7 Catexia do objeto se refere ao desejo por um objeto, no caso apresentado, o desejo pela mãe ou pai.

8 Butler (2014, p.99-100) diz: “Embora Freud não o argumente explicitamente, dir-se-ia que o tabu contra a homossexualidade deve preceder o tabu heterossexual do incesto; o tabu contra a homossexualidade com efeito cria as ‘predisposições’ heterossexuais pelas quais o conflito edipiano se torna possível”.



---

perdido e a melancolia, na incorporação, que “literaliza a perda sobre o no corpo, aparecendo assim como a facticidade do corpo” (BUTLER, 2014, p.105). Veja que o movimento que a autora faz para justificar que não existe um corpo “natural” que preexista às inscrições culturais faz parte da constituição da psique.

Muitos outros conceitos e autores são acionados na obra de 1990, igualmente importantes<sup>9</sup>. Um que merece atenção e que está na constituição do entendimento da Butler de que não há uma “identidade” de gênero por trás das expressões de gênero e que gênero é performativamente constituído, é o conceito de *différance*, em Jacques Derrida, que pode ser resumido como “nenhuma diferença particular ou qualquer tipo privilegiado de diferença, mas sim uma diferencialidade primeira em função da qual tudo o que se dá só se dá em um regime de diferenças (portanto de relação com a alteridade)” (RODRIGUES, 2005, p.180). Ou seja, é, ao mesmo tempo, diferença e diferimento, a significação é dependente do que está ausente. Apesar de não citar Derrida diretamente, Butler usa o conceito de *différance* para entender tabu e relações de parentesco, além da própria crítica à identidade.

É interessante como a visão do sujeito que começa a ser construída em *Subjects of Desire*, e o sujeito generificado de *Performative Acts* se encontram no cerne de *Problemas de Gênero*, em uma discussão complexificada não só pela filosofia e as teorias feministas, mas pela psicanálise problematizada em conjunto com as teorias pós-estruturalistas. E todas essas teorias que transitam pelo seu trabalho se conectam em encadeiam ao longo das obras. Com mais ou menos destaque, as questões sobre formação da identidade e processos de sujeição estão sempre sendo problematizadas em suas obras.

## QUANDO A MATÉRIA PESA

Ao mesmo tempo em que foi celebrado quando lançado, *Problemas de gênero* também foi duramente criticado. “Chego a sonhar com as pessoas me dizendo: e a matéria, Judy?”, disse durante uma aula magna em Portugal, em 2005 (LBTAVARES, 2016).

Dessa forma, Butler trabalha em *Bodies that matter – on the discursive limits of “sex”*, lançado em 1993, em uma perspectiva de clarear a teoria da performatividade e de responder aos/às críticos/as que avaliaram que a materialidade corporal não tinha sido considerada. Não que a crítica tenha ficado satisfeita depois da nova obra, já que Butler entende as diferenças

---

9 A biopolítica em Foucault, a abjeção e as práticas significantes, de Kristeva, a linguagem e a heterossexualidade compulsória, em Wittig, a mascarada e o falo, de Lacan são todos conceitos importantes e que Butler vai usando para questionar, rebater, concordar criticamente, fazendo um movimento dialético de construção da teoria. Entretanto, para este trabalho estamos focando em aspectos pontuais que parecem desaparecer em algumas das aplicações do conceito.

---

materiais do corpo como “marcadas e formadas pelas práticas discursivas” (BUTLER, 2002, p.17), ou seja, a materialidade para ela só pode ser apreendida através do discurso, o que não chega a convencer materialistas históricos/as.

É nessa obra que Butler explora os performativos de J. L. Austin<sup>10</sup>, em que os enunciados não apenas relatam algo, mas realizam efetivamente o que está sendo dito. Um dos exemplos é o padre, que diante da comunidade põe a mão na testa do bebê e diz “Eu te batizo”. Diferente de dizer “O dia está ensolarado”, que apenas se constata (enunciados constataativos, ou atos perlocutórios), quando alguém, com autoridade reconhecida em um contexto esperado, diz algo como “Eu te batizo” ou “Eu vos declaro marido e mulher”, mais do que constatar, algo está sendo feito e transformado a partir do enunciado (enunciado ilocutório).

O mesmo pode ser dito quando o médico olha uma ecografia, ou após o parto, e diz “É uma menina”. Mais do que descrever uma característica, aquele corpo está tendo seu sexo e gênero sendo constituídos no momento do enunciado. “Se o poder que tem o discurso para produzir o que nomeia está associado à questão da performatividade, logo a *performatividade* é uma esfera em que o **poder atua como discurso**”, defender Butler (2002, p.316). A autora complementa a explicação:

Na medida em que a nomeação da “menina” é transitiva, isto é, em que ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo “tornar-se” menina, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche plenamente a norma. (...) A feminilidade não é, então a consequência de uma escolha, mas a citação forçada de uma norma, cuja complexa historicidade é indissociável de relações de disciplina, regulação, punição (BUTLER, 2002, p.326).

É importante entender que esses enunciados (“é uma menina”) produzem (e enquadram o corpo que nomeiam) uma matriz de inteligibilidade de gênero, lançando os limites das condições de reconhecimento, e fortalecendo o efeito de verdade que se entende por identidade. Outro conceito que ajuda a entender os performativos e o poder discursivo de produzir é o de *interpelação*, de Louis Althusser, que descreve o ato em que uma pessoa é chamada por qualquer tipo de autoridade e, ao se voltar em resposta, assume sua posição ideológica. O autor cita como exemplo o policial que grita “Ei, você” para uma pessoa na rua, interpelando-a como sujeito. Ao se virar, a pessoa responde e assume o chamado, o que para Althusser é o momento em que a pessoa torna-se sujeito, ao saber que a interpelação se dirigia a ela de fato. A interpelação será muitas vezes acionada por Butler para abordar modos de

---

10 A obra mais utilizada de Austin é *Como fazer coisas com as palavras*, publicado em 1962, um ano depois da sua morte.

subjetivação, como em *Excitable Speech* e *A vida psíquica do poder*. Em *Bodies that Matter*, Butler usa o mesmo exemplo do médico para associar esse performativo à produção de gênero:

Consideremos a interpelação médica, que não obstante a emergência recente das ecografias, transforma um bebê de um ser “neutro” num “ele” ou “ela”: nessa nomeação, a menina torna-se menina, ela é trazida ao domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação de gênero. Mas esse tornar-se uma menina não termina aí; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada diversas vezes pelas autoridades e, ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2002, p. 25-26).

Entretanto, se para Althusser a interpelação é unilateral, para Butler a resposta do sujeito tem importância. Para Butler, o chamado é sempre uma interpelação do policial, da lei repressora, mas a autora acredita que o interior da lei proporciona espaço para a subversão (IBIDEM, p.121). Para falar do espaço para a subversão, dois conceitos desenvolvidos por Derrida<sup>11</sup> são trabalhados não apenas para explicar performatividade, mas para demonstrar a possibilidade de agência. Quando fala em “citar”, Butler está acionando o conceito de citacionalidade, uma característica de repetibilidade da linguagem que pode ser retirada de um determinado contexto e inserida em um diferente. Para a autora, a citacionalidade pode ser usada como uma estratégia *queer* para converter a abjeção em agenda política. Segundo Butler,

Paradoxalmente, a incapacidade de tais significantes - “mulheres” é o que me ocorre neste momento – para descrever por completo o grupo que nomeia é precisamente o que os constitui como locais de investitura fantasmática e rearticulação discursiva. Esse fracasso é o que os abre para novos significados e novas possibilidades de ressignificação política. Esta função performativa e aberta do significante parece-me essencial para construir uma noção democrática radical de possibilidades futuras (BUTLER, 2002, p.272).

Para Derrida, o signo não pode ser contido às intenções de sua criação, estando sempre aberto a apropriações, recitações. A iterabilidade é a propriedade do signo de ser sempre outro em sua mesmidade, ou seja, na repetição há sempre alteração. E são a citacionalidade e iterabilidade, que garantem espaço para subversão das normas de gênero. Para Butler,

a performatividade não pode ser entendida fora de um processo de iterabilidade, uma repetição regularizada e obrigatória de normas. E esta repetição não é executada por um sujeito; essa repetição é o que possibilita um sujeito e constitui a condição temporal para o sujeito. Essa iterabilidade implica que “realização” não é um “ato” ou evento singular, mas uma

---

11 Citacionalidade e iterabilidade são desenvolvidos em resposta à Austin, para quem um performativo só é “bem-sucedido” se mantido nos limites do contexto e da intenção do autor. Por exemplo: se um padre (alguém designado) disser “vos declaro marido e mulher” (performativo) para um casal heterossexual em uma igreja, será bem-sucedido. Porém se o mesmo padre pronunciar o mesmo enunciado para dois cachorrinhos, será mal sucedido, pois o performativo perde a força fora da convenção. Já Derrida argumenta que o que Austin vê como falha é uma característica de todos os signos, que estão sujeitos à apropriação, à reiteração etc, o que ele chama de iterabilidade essencial do signo, ou seja, não pode ser contido ou encerrado em nenhum contexto ou intenção autoral.

produção ritualizada, um ritual reiterado sob pressão e por restrições, através da força da proibição e do tabu, com a ameaça do ostracismo e até da morte controlando e obrigando a forma da produção, mas sem, insisto, determinação total prévia (IBIDEM, p.145-146).

Assim, para Butler não existe um voluntarismo do sujeito, mas através da citacionalidade, da repetição, se abre um espaço, ainda que dentro da norma, para subvertê-la e ressignificá-la. O potencial de agência dos sujeitos é encontrado justamente nesse caráter instável dos performativos, como apresenta em *Bodies that Matter* e desenvolve em *Excitable Speech*. É bom salientar que a citacionalidade em si mesma não configura uma prática subversiva, o que a própria Butler pontua ao avaliar a feminilidade como uma citação *forçada* da norma, uma forma de garantia de sua continuidade.

*Problemas de gênero* e *Bodies that Matter* são os principais livros onde Butler desenvolve a teoria da performatividade de gênero, por isso dedicamos mais espaço para apresentar o quadro conceitual. Entretanto, a performatividade também “respinga” no restante da obra da autora, e ganha novo destaque e aplicação na última obra lançada. E neste ponto já deve estar claro que a maneira como Butler pensa o sujeito dentro de uma estrutura normativa é determinante para entender e pensar a própria performatividade.

## **RASTROS PARA CHEGAR A UMA PERFORMATIVIDADE PLURAL**

Em *Subjects of Desire*, Butler centra a análise no sujeito e o desejo, em *Problemas de gênero* faz uma crítica genealógica para desestabilizar a categoria “mulher” e apresenta o conceito de performatividade, *Bodies that Matter* foca na construção discursiva dos corpos no contexto de uma hegemonia heterossexual em que alguns corpos “importam” mais que outros, lapidando, dentro de um quadro teórico mais elucidativo, como a performatividade opera. Como o espaço do artigo é curto para tratarmos com mais profundidade todas as demais obras, vamos olhar com mais atenção para duas: *Undoing Gender*, de 2004, por continuar tratando da performatividade de gênero, e *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*, de 2015, por revisitar um pouco de todos os trabalhos apresentados no percurso, com uma importante atualização para o conceito de performatividade. As demais obras que foram analisadas no processo, estão resumidas no quadro abaixo:

**Quadro 1.** Resumo das obras que ficaram fora do recorte

<b>Livro</b>	<b>Ano</b>	<b>Tema</b>	<b>Destques: teórico</b>	<b>Sobre performatividade</b>	<b>Importante</b>
--------------	------------	-------------	--------------------------	-------------------------------	-------------------

Excitable Speech	1997	Discursos de ódio	Performativos (Austin), citação, iteração (Derrida), interpelação (Althusser), poder (Foucault).	Produção do discurso de ódio e alternativa para ressignificá-lo	Fala excitável (BUTLER, 1997, p.14)
A vida psíquica do poder: teorias da sujeição	1997 (em 2017 no BR)	Como se forma o sujeito (BUTLER, 2018a, p.10). Ela ressalta que a sujeição é o evento linguístico em que o indivíduo adquire e reproduz inteligibilidade.	Hegel, Nietzsche, Freud, Foucault e Althusser analisados sob as lentes da psicanálise	Ao falar sobre os processos de sujeição em Althusser e na revisão sobre gênero melancólico	Se a melancolia for reconhecida há uma abertura para a subversão a partir do reconhecimento de que o outro é condição de vir-a-ser do sujeito.
Precarious life: the powers of mourning and violence	2004	Proposta de uma nova filosofia política do reconhecimento, centrada na sobrevivência, de inspiração hegeliana; precariedade	Alteridade (Hegel)	Não aborda	Precariedade, que se dá de forma induzida violentamente a grupos vulneráveis, ou de alguma forma abjetos
Giving an account of oneself	2005 (em 2015 no BR)	Proposta de uma ética da vulnerabilidade, humildade e responsabilidade	Abordagens sobre o sujeito de Hegel, Adorno, Foucault, Adriana Cavarero, Laplanche e Lévinas	Não aborda	O sujeito é tanto um efeito do discurso quanto de uma relação diferencial com os outros
Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?	2009 (em 2015 no BR)	Vidas passíveis de luto	Luto e melancolia (Freud), Poder (Foucault)	Performatividade: mais útil que construção (BUTLER, 2016, p.238)	recorrência ontológica nos conceitos (precariedade e performatividade), constituída pela melancolia e o luto para pensar questões diferentes

Fonte: a autora

*Undoing gender*, que parte do trabalho já desenvolvido sobre gênero, faz uma reflexão crítica com relação às condições de uma vida vivível para aqueles que, pela desconstrução de gênero ou vivências não-hegemônicas da sexualidade, não são mais reconhecidos como humanos, ao ponto da vida ser insuportável e a sua morte não ter possibilidade de luto. O luto, que já começa a ser tratado aqui, será melhor desenvolvido em *Precarious life* e em *Quadros de guerra*, se desenvolve no horizonte teórico de uma política de reconhecimento. Butler volta a abordar a performatividade e reforça que o conceito não se refere apenas a atos de fala, mas a atos corporais e salienta que há partes da “vida corpórea” que não são totalmente representadas, ainda que seja condição de ativação da linguagem (BUTLER, 2004, p.199).

O trabalho político de desconstrução da diferença sexual e rearticulação do humano acontece num quadro de forte indescernibilidade entre o biológico e o cultural: “Não pretendo sugerir que signos puramente culturais produzem um corpo material, mas somente que o corpo não se torna sexualmente legível sem esses sinais, e que esses sinais são irredutivelmente culturais e materiais ao mesmo tempo.” (IBIDEM, p. 87). Por outro lado, ela argumenta que

---

não existe, igualmente, nenhuma cristalização simbólica que garanta uma imutabilidade cultural: “espero mostrar que a distinção entre lei simbólica e social não é enfim sustentável, que o próprio simbólico é a sedimentação de práticas sociais” (BUTLER, 2004, p. 44).

Neste livro, em especial, Butler faz uma reflexão mais política, já abrindo o que viria ser marca das obras subsequentes de pensar a transformação social, ao pensar que “fazer” gênero de determinadas maneiras implica em “desfazer” noções dominantes de até mesmo o que é o humano. Ela resgata a alteridade para pensar formas de reconhecimento, que se desdobram em vidas que não sejam apenas reconhecidas, mas deixem de ser violentadas pelas regulações impostas ao corpo e à sexualidade. Assim, escreve sobre gênero e sexualidade e novas formas de parentesco, problematizadas a partir do pós-estruturalismo e da psicanálise, abordando também questões sobre transexualidade, transgêneridade, interssexualidade, além de outras formas reguladas e patologizadas (ou de patologização) de gênero.

Na obra mais recente, *Notes toward a performativity theory of assembly*, lançada em 2015, que temos uma nova aplicação que Butler dá para a performatividade. A versão brasileira foi lançada em 2018 sob o título *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Todos os conceitos apresentados nas obras anteriores (sujeito, performatividade, precariedade, vidas passíveis de luto, entre outros) são revisados nessa obra para analisar o poder e a potência de assembleias, de grandes alianças que são formadas nas ruas durante as manifestações.

Para Butler, comparecimento, permanência, respiração, movimento, quietude, discurso e silêncio são todos aspectos do que ela chama de “assembleias repentinas” e classifica como uma forma imprevista de performatividade política (BUTLER, 2018b, p.24). A autora ressalta que quando corpos se juntam em formas de espaço público, e as redes sociais na internet também são formas de espaço público, exercitam “o direito plural e performativo de aparecer” (IBIDEM, p.17). O corpo, nesta análise, não é um corpo individual generificado, racializado, marcado por precariedades, mas é um corpo plural, que é todos esses ao mesmo tempo quando nas ruas, e permite refletir sobre a potência do caráter corpóreo da ação e da expressão social, “o que podemos entender como performatividade corpórea e plural” (IBIDEM, p.28). Entretanto, não descarta a performatividade como ação individual política de dar direito ao corpo quando esse reivindica espaço e inteligibilidade para toda uma categoria social, transformando-se em exercício performativo pelo direito de aparecer.

Butler deixa claro que não acredita que são reivindicações identitárias, mas de categorias sociais atravessadas por diferentes vetores de poder, que por um processo de



identificação (não de identidade social) passam a reivindicar o direito de aparecer. Esse direito, é “tacitamente apoiado por esquemas regulatórios que qualificam apenas certos sujeitos como elegíveis para o exercício desse direito (...) para aqueles considerados ‘inelegíveis’, a luta para formar alianças é fundamental” (IBIDEM, p.57). Para a autora, o que se chama de “povo” é produzido por condições de possibilidade de aparição, no campo visual, e pelas ações, como parte dessa performatividade corpórea. Esse campo visual também é produzido pela cobertura midiática, que não apenas gera imagens que representam essas assembleias, mas que pela circulação das imagens geram um efeito legitimador.

Como, então, acontece a virada de uma performatividade de gênero para uma performatividade corpórea e plural? Primeiramente, Butler toma a precariedade como um termo mediador, que opera “como um lugar de aliança entre grupos de pessoas que de outro modo não teriam muito em comum e entre os quais algumas vezes existe até mesmo desconfiança e antagonismo” (BUTLER, 2018b, p.34). Resgatando o trabalho sobre performatividade, e entendendo que gênero pode não funcionar como um paradigma para todas as formas e existência “que lutam contra a construção normativa do humano, ele pode nos oferecer um ponto de partida para pensar sobre poder, atuação e resistência” (IBIDEM, p.45).

A performatividade de gênero presume um campo de aparecimento no qual gênero aparece, e um esquema de condição de reconhecimento dentro do qual o gênero se mostra das maneiras que se mostrar; e uma vez que o campo de aparecimento é regulado por normas de reconhecimento que são hierárquicas e excludentes, a performatividade de gênero está assim ligada às formas diferenciais por meio das quais sujeitos se tornam passíveis de reconhecimento (IBIDEM, p.45-46).

Dentro desse entendimento, o corpo aparece como a materialidade fundamental, já que “não pode haver reprodução de normas generificadas sem a representação corporal dessas normas” (IBIDEM, p.39), e que formas dissidentes de masculinidade e feminilidade surgem do rompimento desse campo normativo de formas até então imprevistas, apresentando formas corporificadas de gênero que desafiam as normas de reconhecimento. Assim, o corpo e o sujeito na sua relação com o outro, como já vinha sendo trabalhado, assumem o protagonismo teórico dessa forma de performatividade.

Ao pensar uma performatividade política, a autora avalia que a teoria do ato de fala não é o modelo da ação política. O corpo, para além de articular a fala, articula outras ações que, quando concertadas, não são rapidamente assimiladas no discurso verbal. Assim, a reunião, a gesticulação, a permanência e, até mesmo, o silêncio no ajuntamento de corpos em assembleia desafiam os próprios atos de fala. Assim, “a performatividade descreve tanto o processo de ser

---

objeto de uma ação quanto as condições e possibilidades para a ação e não podemos entender sua operação sem essas duas dimensões” (IBIDEM, p.70).

Dessa forma, é possível perceber que performatividade não caracteriza apenas o que fazemos ou uma ação isolada, mas como o discurso e o poder institucional nos afetam, para além da linguagem verbal. Além disso, a potência que parte da ação relacional e concertada, abrem a possibilidade de pensar em resistência a partir desse caráter corpóreo da ação social, compreendido como performatividade. Se subversão da norma pela iteracionalidade já era entendida como um efeito incalculável (1994, p.38), a possibilidade, para Butler, de subversão nas alianças a partir das ruas, é potencializada.

### **PERFORMANCE ≠ PERFORMATIVIDADE**

Depois de percorrer esse longo caminho da obra, compreendendo as bases onde se sustenta o conceito de performatividade butleriano, é possível delimitar algumas diferenças com relação ao que entendemos por performance. Um autor que trabalha bastante com o conceito de performance é Goffman (1995), com base numa metáfora dramática que sugere que todos procuram performar/representar de maneira a deixar uma boa impressão, dentro dos parâmetros (enquadramentos) possíveis. A performance, aqui, é sempre um ato.

Outras áreas das ciências sociais usaram da metáfora teatral para explicar fenômenos e a sociedade. Turner (2018) se baseia em uma noção de drama social para explicar uma série de conflitos e rituais na cultura, em que performance está presente. Schechner (2003), também interessado nesse entrecruzamento entre antropologia e arte, chega a trabalhar com os performativos de Austin. Ambos aparecem no artigo de 1988, e focam na ação, no ato.

Para Butler, performatividade não está no ato em si, mas o que viabiliza aquele ato, é um processo de reiteração mediante o qual emergem tanto os atos, quanto os sujeitos.

Se o gênero é performativo, então segue-se que a realidade do gênero é ela mesma produzida como um efeito da performance. Embora existam normas que governam o que será e não será real, e o que será e não será inteligível, elas são postas em questão e reiteradas no momento em que a performatividade inicia sua prática citacional (BUTLER, 2004, p.218).

Performatividade é um processo mais de invocação do sujeito, do que uma ação do sujeito. “De modo que a performatividade não é pois um ato singular, porque sempre é a reiteração da norma, ou um conjunto de normas, e na medida em que adquire a condição de ato no presente, oculta ou dissimula as convenções de que é uma repetição” (BUTLER, 2002, p.34). Por isso, sinaliza também que é um termo mais apropriado que “construção”, pois implica “uma

passagem da metafísica para a ontologia ao oferecer uma descrição dos efeitos antológicos que nos permita repensar a própria materialidade” (BUTLER, 2016, p.276n2). Para Salih, é uma interpretação comum achar que não existe um sujeito em *Problemas de gênero*, por causa da argumentação de que não há um ser “atuante” por trás do “ato”. Entretanto, ele está lá, mas “o sujeito não está exatamente onde esperaríamos encontrá-lo” (SALIH, 2012, p.66).

Em diversos momentos Butler respondeu sobre o erro que é reduzir a performatividade a uma performance, ou a uma manifestação isolada de uma expressão de gênero (BUTLER, 2002, p.329). Por isso falamos anteriormente que conhecer a maneira como a autora pensa o sujeito era a chave de leitura fundamental. “É importante distinguir performance de performatividade: a primeira assume um sujeito, mas a seguinte contesta a própria noção de sujeito, (...) performatividade é o veículo pelo qual efeitos ontológicos são estabelecidos” (BUTLER, 1994, p.33). Ao responder Benhabib em seu capítulo no livro *Feminist Contentions*, Butler pontua que é uma distorção pensar não só a performatividade como performance teatral, mas em querer reforçar um voluntarismo do sujeito, e não uma agência que é encontrada precisamente nas “rachaduras” dos discursos:

Eu argumentaria que não há possibilidade de permanecer *fora* das convenções discursivas pelas quais "nós" somos constituídos, mas apenas a possibilidade de trabalhar as próprias convenções pelas quais somos possibilitados. A performatividade de gênero não é uma questão de implantar instrumentalmente a "mascarada", pois tal interpretação da performatividade pressupõe um sujeito intencional por trás do ato. Ao contrário, a performatividade de gênero envolve o difícil trabalho de auferir a agência dos próprios regimes de poder que nos constituem e aos quais nos opomos (BUTLER, 2017, p.136).

Por isso considero interessante pensar o sujeito para Butler quando falamos em performatividade; esse sujeito que não está onde era esperado; um sujeito em processo, regulado por normas que revelam estruturas de poder historicamente localizadas que em sua repetição abrem a possibilidade de subversão da norma. Um sujeito que se reconhece com e pelo outro e que nessa alteridade pode desenvolver uma ética da vulnerabilidade, responsabilidade, humildade, e que nessa relacionabilidade encontra formas corpóreas e plurais de subversão das leis e das normas.

Como argumentei anteriormente, performance é um conceito com muitas aplicações, com todo um campo de estudos consolidado. Aqui não foi a intenção trazer os estudos de performance para o centro da discussão, mas para argumentar que não há uma equivalência com a performatividade para Butler. Posteriormente é possível pensar não só a relação entre os dois termos, mas em outras teorias desenvolvidas com relação à performatividade, como a pós-

humanista (BARAD, 2017), dos afetos (DEL RIO, 2008), “enact” (MOL, 2002), entre outras, que podem contribuir sobremaneira com o terreno interdisciplinar da Comunicação.

## ALGUNS ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Esse artigo não tem pretensão de encerrar a discussão sobre performatividade e os usos do conceito. Pelo contrário, foi uma maneira de colocar na nossa pauta algo que já está sendo (e muito) discutido há bastante tempo, visto que *Gender Trouble* completa 30 anos em 2020. Também não é uma defesa do uso. Como toda postulação, deixa questões em aberto e a resolução de questões não é intenção de Butler. Da mesma forma, muito dessa abertura gera não apenas dúvidas, mas críticas ao trabalho, não apenas dentro dos estudos feministas (MOI, 2001, BENHABIB, 2017), mas nos estudos *queer* (PRECIADO, 2016; PROSSER, 2008).

Um dos pontos abertos à discussão, é o uso para falar de raça, algo que a autora arrisca em *Bodies that Matter*, mas deixa em aberto. Butler diz que a heterossexualidade não é o único regime regulatório em jogo na produção do corpo e o que simbólico, como registro de idealidade regulatória, é uma prática de interpelações racializantes (BUTLER, 2002, p.18). Apesar de pontuar a raça em outros pontos, não há discussões de como é interpelada pelo que ela chama de “normas racializantes”, mostrando que o corpo “racializado biologicamente”, não pode ser pensado do mesmo modo que o corpo “sexuado biologicamente”.

Assim, a intenção não é fechar empiricamente o que é performatividade, apenas pontuar que se for usado da maneira que Butler entende e desenvolve, é preciso um alinhamento teórico, ou uma apropriação crítica fundamentada, que se refletirá nas análises do empírico.

## REFERÊNCIAS

- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: Para entender como a matéria chega à matéria. **Revista Vazantes**, v. 1, n. 1, p. 07-34, 2017.
- BENHABIB, Seyla et al. **Feminist contentions**: a philosophical exchange. Routledge, 2017.
- BUTLER, Judith. **Performative acts and gender constitution**: An essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre journal*, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.
- \_\_\_\_\_, Judith. The Body You Want: Liz Kotz Interviews Judith Butler. **Artforum**, v. 31, n. 3, p. 82-89, 1992.
- \_\_\_\_\_, Judith. Gender as performance – an interview with Judith Butler. **Radical Philosophy**. n. 67, p.32-39, 1994b.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Excitable speech**: A politics of the performative. Routledge, 1997.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Subjects of desire**: Hegelian reflections in twentieth-century France. Columbia University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2002.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Undoing gender**. Routledge, 2004.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Precarious life**: The powers of mourning and violence. Verso, 2006.

- \_\_\_\_\_, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- \_\_\_\_\_, Judith. For a careful reading. In: BENHABIB, Seyla et al. **Feminist contentions: a philosophical exchange**. Routledge, 2017. p. 127-144.
- \_\_\_\_\_, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. BH: Autêntica, 2018a.
- \_\_\_\_\_, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.
- BORBA, Rodrigo. **A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais**. Cadernos Pagu, n. 43, p. 441-473, 2014.
- CORUJA, Paula. **Uma mirada sobre a produção do campo da Comunicação sobre o feminismo**. 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom, 2018, Joinville. Anais. São Paulo: Intercom, 2018.
- DEL RIO, Elena. **Deleuze and the Cinemas of Performance: Powers of Affection: Powers of Affection**. Edinburgh University Press, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: vozes, 1995.
- LBTAVARES. **Judith Butler: “Why Bodies Matter” – Gender Trouble**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IzWWwQDUPPM>>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. BH: Autêntica, 2018.
- MEIJER, Irene Costera; PRINS, Baukje. How bodies come to matter: An interview with Judith Butler. **Signs: Journal of women in culture and society**, v. 23, n. 2, p. 275-286, 1998.
- MOI, Toril. **What is a woman?: and other essays**. Oxford University Press on Demand, 2001.
- MOL, Annemarie. **The body multiple**. Duke University Press, 2002.
- PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contrasexual**. Anagrama, 2016.
- PROSSER, Jay. **Second skins: The body narratives of transsexuality**. Columbia Univ. Press, 1998.
- ROSÁRIO, N.M. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, A.E. et al (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SESC SÃO PAULO. **Judith Butler e a teoria Queer**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAedhKgc&t=28s>>. Acesso em: 25 jun. 2019.